

CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA E COMPETÊNCIA EM EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS) DURANTE O PROCESSO DE ENSINO. Jorcelina da Conceição Souza, José Carlos Miguel. – Educação - Pedagogia – Departamento de Didática – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

O Brasil possui uma grande quantidade de pessoas que não dominam a escrita e a leitura. Essas pessoas, excluídas da educação sistematizada, sofrem preconceitos e têm dificuldades para convívio harmônico face às exigências do mundo contemporâneo.

Nessa sociedade excludente poucas políticas públicas têm sido realizadas a fim de sanar essa dívida social, em prol de uma educação de qualidade, e quando o fazem, acabam por negar condições mínimas para o ensino e aprendizagem e permanência desses educandos.

Na vida desses sujeitos a maioria provenientes das camadas populares, existem outras prioridades, como alimentação, habitação, trabalho, saúde, transporte que são essenciais para a sobrevivência. Um adulto que trabalha em condições precárias, em profissões que geram desgastes físicos, dificilmente terá disposição para investir em sua formação.

Desse modo, à educação se coloca enfrentar desafios enormes.

É nesse quadro que o PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos da Unesp – Marília) trabalha, buscando na prática pedagógica sistematizar uma proposta de ensino aprendizagem pautado na metodologia alternativa de projetos de Fernando Hernandez e Josett Jolibert. Essa proposta de metodologia de projetos deve estar atrelado à busca de uma emancipação crítica dos educandos, que será alcançada gradativamente nas suas ações intencionais dentro na sala de aula.

Garantir a permanência desses educandos na educação, requer um olhar atento e uma postura compromissada do educador frente a esses desafios esboçados anteriormente. Assim, a educação não deve apenas referir-se à leitura e à escrita de letras e símbolos, mas a leitura de mundo, através da reflexão de si e do mundo em que vivem, contribuindo para o processo de desenvolvimento dos sujeitos enquanto cidadãos críticos, reflexivos e conscientes de seus papéis junto à sociedade.

Sendo assim, essa proposta de trabalho defendida é aquela que busca vincular a realidade social e/ou necessidades dos educandos ao contexto escolar por meio de um trabalho interdisciplinar. Buscando uma educação significativa fundamentada a partir do respeito à identidade sócio-cultural dos educandos, valorizando esses conhecimentos prévios e também, nas palavras de Paulo Freire, “temos que respeitar os níveis de compreensão que os educandos - não importam quem sejam – estão tendo de sua própria realidade”. (1997, p. 27).

Buscar possibilitar condições para construção de autonomia no educando, é considerar estes alunos como um sujeito situado no espaço e no tempo, com uma história de vida que não pode ser deixado fora da aprendizagem. A aluna C. fala sobre a condição de ser mulher, dizendo que “*O trabalho da mulher nunca acabou! eu depois que casei só sai da roça mas trabalhava de faxineira, costureira... eu passo o final de semana inteiro fazendo tapete, professora*”.

Outra educanda fala sobre a sua vida:

“Eu fui lutadora, na idade de oito anos trabalhava na roça, junto com meus irmãos de segunda a sábado os domingos ajudava a minha mãe em casa, aí com quinze anos ela mandava eu lavar roupa na mina ficava o dia inteiro e a tardezinha eu ia socar arroz no pilão, socava café com casca e depois torrava e socava de novo até virar o pó. E o caçula partia lenha, a gente tinha fogão. E depois com dezessete anos me casei e meu marido tocava roça sempre com vários camaradas e lavava a roupa deles e cozinhava para eles, eu tenho três meninas e eu amo elas(...) (E.)”

Um educador compromissado com a consideração da trajetória histórico-cultural vai levar em conta a questão da mulher que é fortemente expressada na fala da C. ; vai se preocupar se a vida de E., o meio em que ela viveu, à época, os sentimentos em relação a suas falas, atrelados à aprendizagem da leitura e da escrita, através da reflexão sobre sua história e de seu lugar na sociedade em que vivem.

Podemos concluir que, através de uma educação refletida desta forma, esses educandos socialmente excluídos, oprimidos e muitas vezes manipulados vão se inserindo no meio social

buscando possibilidades de participar de seu processo histórico de formação, participação e transformação do meio em que vivem.

Os resultados dessa proposta de trabalho, que visa a valorização do contexto sócio-cultural dos educandos e a sua formação enquanto sujeitos autônomos e competentes, são visíveis quando tais idéias se concretizam na prática. Através de observações e relatos dos alunos ficam nítidas as mudanças que a educação, vista desse modo, proporciona: atitudes de iniciativa, de tomada de decisão, de criatividade, de criticidade, agindo com autonomia no que diz respeito às atividades dentro e fora da sala de aula, tomando iniciativa na organização, decisão e desenvolvimento da aula.

Então, a formação de um educando crítico, autônomo e competente irá depender da postura adotada pelo educador, e esta postura deve ser pautada, entre outros aspectos, numa visão de reflexão – ação - reflexão da prática. Partindo dos pressupostos de quem é esse educando? O que ele quer da escola? O que eu vou fazer enquanto educador? Minha ação educativa está sendo significativa no ensino e aprendizagem da leitura e escrita? Os educandos estão refletindo sobre sua vida?

Observamos que os educandos não querem aprender a ler e escrever para mudar o mundo, mas para mudar sua condição de sujeito na sociedade, para resolver pequenas coisas cotidianas, como ver preços no supermercado, pegar um ônibus, ler a bíblia, não depender de filhos e netos.

Referências Bibliográficas

FREIRE, P. *A importância do Ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Apoio: PROEX/Reitoria/UNESP